

## RESENHA

*Allen Porto\**

ROOKMAAKER, H. R. **A arte moderna e a morte de uma cultura.** Viçosa, MG: Editora Ultimato, 2015.

O que a arte tem a dizer sobre o mundo à sua volta? Existe a possibilidade de se encarar as expressões artísticas como instrumentos de entretenimento, desconectados da realidade e criados para oferecer mundos paralelos, os quais o apreciador habitará em seus momentos de fuga. Mas, sem negar que a arte pode criar universos imaginários que permitem a ruptura com traços da realidade presente, também existe a possibilidade de a arte perscrutar e revelar o “agora”, tornando palpáveis os pressupostos e a cosmovisão de um artista e de uma época. Nessa segunda perspectiva, as expressões artísticas funcionam como um rico campo de pesquisa para quem deseja conhecer os homens do seu tempo e as ideias vigentes na sociedade.

Este é o caminho adotado por Hans Rookmaaker para demonstrar a crise da cultura contemporânea. Como se chegou ao presente estado de coisas? Por meio das artes, Rookmaaker demonstrará a história das ideias e o seu impacto na vida humana, bem como os desafios para o cristianismo.

Mas quem foi Rookmaaker? O nome se tornou mais popular a partir de uma música composta pelo grupo Palavrantiga. Cristãos brasileiros dos mais diferentes tons doutrinários ouviram e cantaram “eu leio Rookmaaker...”, talvez sem muita noção do homem por trás do nome.

Henderik Roelof Rookmaaker, ou “Hans”, como era chamado pelos amigos, nasceu na cidade de Haia, na Holanda, em 27 de fevereiro de 1922. Era o terceiro filho, com duas irmãs mais velhas. Passou a infância na região sul das Índias Holandesas, que, após a independência, vieram a se chamar Indonésia.

---

\* Mestre em Teologia (S.T.M.) pelo Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper; pastor auxiliar da Igreja Presbiteriana do Renascimento, em São Luís, Maranhão.

Na década de 1930, sua família retornou à Holanda, para ali viver definitivamente. Rookmaaker obteve formação técnica e se formou, em 1939, como cadete naval do exército holandês. No ano seguinte, a Holanda foi invadida pela Alemanha sob Hitler. Rookmaaker tinha um relacionamento com Hendrika Beatrix Spetter, ou Riki, uma judia. Em 1941, Hans foi preso por seis meses e meio, por estar com literatura considerada “antialema”. Depois disso, já em 1942, foi novamente detido e enviado, junto a outros prisioneiros de guerra, para um campo de concentração na região de Nuremberg, na Bavária. Foi durante esse período que Rookmaaker experimentou sua conversão ao cristianismo. Até então, em toda a sua criação, a religião não tinha sido algo importante. Hans seguiu se comunicando com Riki através de cartas, mas ainda em 1942 a comunicação foi rompida. Ao retornar à Holanda, Rookmaaker procurou sua amada, apenas para descobrir, posteriormente, que ela e sua família haviam sido enviadas ao campo de extermínio de Auschwitz.<sup>1</sup>

Hans foi convertido mediante a leitura da Bíblia na solidão de sua prisão. Transferido para Stanislav, na atual Ucrânia, conheceu, em 1944, o capitão Johan Meekes. Este atuou como mentor e discipulador do jovem, ajudando-o na compreensão da Bíblia e apresentando para ele a filosofia cosmonômica.<sup>2</sup> Meekes havia estudado com Herman Dooyeweerd e Dirk Vollenhoven, fundadores e expoentes da filosofia reformacional (outro termo que designa a filosofia cosmonômica). Isso determinou uma mudança na vida do jovem. Liberto em 1945, dedicou-se ao estudo das artes, trilhando uma carreira acadêmica. Veio a se tornar professor do departamento de História da Arte, na Universidade Livre de Amsterdã.

Rookmaaker se tornou um expoente da aplicação da filosofia cosmonômica no campo das artes. Sua atuação como acadêmico demonstrou que o

<sup>1</sup> Para informações adicionais sobre Hans Rookmaaker, ver: AMORIM, Rodolfo. O senhorio de Cristo e a redenção das artes: um olhar sobre a vida, obra e pensamento de Hans Rookmaaker. In: AMORIM, Rodolfo et al. *Fé cristã e cultura contemporânea: cosmovisão cristã, igreja local e transformação integral*. Viçosa, MG: Editora Ultimato, 2009, p. 97-135; GASQUE, Laurel. *Rookmaaker: arte e mente cristã*. Viçosa, MG: Editora Ultimato, 2012; e GASQUE, Laurel. *H. R. (Hans) Rookmaaker: art historian and reformational thinker*. Disponível em: <http://www.artway.eu/content.php?id=695&lang=en&action=show>. Acesso em: 22 abr. 2016.

<sup>2</sup> O termo filosofia cosmonômica vem da obra “A filosofia da ideia de lei”, publicada originalmente por Herman Dooyeweerd, em holandês, em 1935-36. A tradução para a língua inglesa trouxe o título “Uma nova crítica do pensamento teórico”. Segundo Andree Troost, pastor e professor na Universidade Livre de Amsterdã, “a filosofia cristã conhecida pelo nome de ‘filosofia reformacional’ é definida como um sistema filosófico distinto por seu ponto de partida na fé cristã e pelo caráter antropocêntrico de sua perspectiva da realidade”. Ver a introdução de Guilherme de Carvalho à primeira obra de Dooyeweerd publicada no Brasil: DOOYEWEERD, Herman. *No crepúsculo do pensamento ocidental: estudos sobre a pretensa autonomia do pensamento filosófico*. São Paulo: Hagnos, 2010, p. 10; TROOST, Andree. *What is reformational philosophy? An introduction to the cosmonomic philosophy of Herman Dooyeweerd*. Grand Rapids, MI: Paideia Press, 2012, p. 2-3.

cristianismo estimula o rigor intelectual. Para além do trabalho da academia, Rookmaaker iniciou o L'Abri da Holanda, atuando intensamente em hospitalidade, evangelização e discipulado. Faleceu em 13 de março de 1977, tendo deixado um grande legado. Exemplo disso é *A Arte Moderna e a Morte de uma Cultura*, publicado em 1970. O livro se tornou um *best-seller* e foi escolhido pelo jornal britânico *The Observer* como um dos melhores livros daquele ano. Esse artigo também foi publicado na revista *Esquire* em 1971.

O que diz o livro? A autoridade estabelecida de Rookmaaker no campo das artes convida o observador cristão a ouvir a sua mensagem. Em *A Arte Moderna e a Morte de uma Cultura*, Rookmaaker define um caminho para compreender o presente estado de coisas, um método para apreciar as artes e um chamado para os cristãos se engajarem no contexto cultural.

Logo na introdução, a meta é apresentada: “Meu objetivo neste livro é mostrar a relação entre a grande revolução cultural do nosso tempo e o espírito geral da época”, afirma o autor (p. 19). O programa é complementado no início do primeiro capítulo: “O objetivo deste livro é discutir a arte moderna, seu significado e sua relação com o cenário cultural contemporâneo em geral” (p. 21). A tese subjacente, portanto, é que a arte não é um esforço ingênuo e desconectado do campo das ideias e cosmovisões; pelo contrário, existe uma relação fundamental entre a arte e o espírito da época. Para cumprir o seu projeto, Rookmaaker escolhe um caminho histórico. Sua trajetória na obra revelará um passeio pelas escolas artísticas e movimentos ao longo dos séculos, demonstrando as etapas pelas quais o pensamento humano passou, e suas implicações para o campo artístico.

Inicialmente, em “A mensagem no meio” (p. 21), Rookmaaker busca demonstrar que, por meio de tema e técnica (qualidades artísticas), as obras de arte oferecem “uma visão particular da realidade, uma filosofia” (p. 31). A tese fundamental do capítulo pretende demistificar a visão da arte como mera cópia da natureza, destituída de pressupostos norteadores. O foco de Rookmaaker está na pintura, e é comentando várias peças deste tipo de arte que ele sustenta a sua proposta.

Aqueles que pensam que uma pintura deve ser uma réplica da natureza para ser realista estão enganados: a arte nunca imita a natureza, mas sempre retrata a realidade de uma forma humana. Isso significa que essa pintura não imita a natureza como faria uma câmera, mas representa uma experiência humana, uma interpretação humana, uma percepção e uma emoção do que é a verdade sobre a realidade. Fala de uma forma artística sobre a realidade, como fazem todas as pinturas.

No seu *tour* pela história da arte, o autor holandês inicia comentando a arte antiga de Duccio di Buoninsegna, um pintor de ícones, e segue comentando a arte do pré-iluminismo, como na Renascença, Reforma e Contrarreforma.

Pintores como Rubens, Rembrandt, Jan Van Goyen, Poussin e Jan Steen figuram entre os artistas não apenas comentados, como também ilustrados por meio da inserção de suas pinturas ao longo do texto.

O roteiro de Rookmaaker segue no sentido de demonstrar as etapas cumpridas para se chegar ao presente estado de coisas. No segundo capítulo, “As raízes da cultura contemporânea” (p. 39), o holandês providencia uma série de conceitos importantes para se discernir o fluxo da história. Ele identifica o problema fundamental do afastamento dos cristãos em relação às artes e rastreia tal postura no curso do tempo. Aqui o gnosticismo e o misticismo são anunciados como experiências de fragmentação da realidade, bem como o dualismo natureza e graça. Percebe-se, neste ponto, a influência da filosofia reformacional sobre a compreensão de Rookmaaker, pois o pano de fundo para a identificação de tais conceitos são os motivos religiosos básicos identificados por Dooyeweerd.<sup>3</sup> Rookmaaker demonstra como os dualismos causam conflitos na interpretação e interação com a realidade, e apresenta a atitude da Reforma como uma postura de integração. O impacto da Reforma produziu consequências para toda a Europa.

A grandeza e a plenitude da cultura do século 17, sua arte, ciência e profundidade de pensamento, sua riqueza e poder, não eram consequências apenas do esforço humano, como se os cristãos tivessem feito dessas coisas seu principal objetivo. Não, eram resultados de atitudes cristãs básicas e, em última análise, bênçãos e dons de Deus (p. 51).

A cosmovisão proporcionada pela Reforma permitiu um consenso que fez florescer os mais variados campos, como as artes e as ciências, além da religião propriamente. Para Rookmaaker, mesmo aqueles que não professavam o cristianismo foram impactados por tal visão de mundo.

O autor holandês sugere que a cosmovisão reformada (bíblica) acabou perdendo força, dentre outros motivos, por se mesclar com um misticismo crescente. Isso abriu espaço para o ressurgimento do humanismo, agora em sua expressão mais intensa, cujo nome foi Iluminismo.

O Iluminismo, com seu ponto de partida básico na razão, poderia cair em um ceticismo radical, mas isso foi contornado por um otimismo huma-

<sup>3</sup> Albert Wolters auxilia na compreensão do significado dos motivos básicos: “[...] Usado por Dooyeweerd no sentido de motivação fundamental, força direcionadora. Ele distingue quatro motivos-base ou motivos básicos fundamentais, sendo os três primeiros dualistas e o último integral: (1) *matéria/forma*, o motivo que dominou a filosofia grega pagã; (2) *natureza/grça*, que subjaz ao pensamento cristão de síntese no período medieval; (3) *natureza/liberdade*, que moldou as filosofias dos tempos modernos; e (4) o único integral: o motivo básico bíblico triádico *criação-queda-redenção*, que está na raiz de uma filosofia radical e integralmente bíblica”. DOOYEWEERD, *No crepúsculo do pensamento ocidental*, p. 286. Para ver a discussão do próprio filósofo sobre os motivos básicos, cf. DOOYEWEERD, Herman. *Raízes da cultura ocidental*: as opções pagã, secular e cristã. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.

nista. Ainda assim, a crítica de Rookmaaker é dura, por considerar que tal movimento promoveu idolatria e o esvaziamento do significado do mundo: “A razão do racionalista é como um ídolo; é como o desejo cumprido do rei Midas: tudo o que ela toca, muda e morre, ainda que brilhe e reluza” (p. 55). Com o Iluminismo, a ênfase foi redirecionada do campo da ontologia para o da epistemologia; os princípios, normas e leis desapareceram; o homem desapareceu; a ciência se tornou cientificismo e o mundo se tornou uma “caixa” (p. 58) – um sistema fechado de causa e efeito que aprisiona o homem. Tudo isso implica a morte do próprio homem: “Podemos entender o homem que, no final desse desenvolvimento, perguntou recentemente em um desses periódicos clandestinos: há vida antes da morte?” (p. 58).

Rookmaaker descreve, em seguida, no capítulo três, o que ele chama “O primeiro passo para a arte moderna” (p. 61). Partindo da transformação causada pelo Iluminismo, ele demonstra como a obra de pintores como Goya anuncia a visão do artista que não observa nada na realidade além de “fatos”. A realidade, nessa perspectiva, é exclusivamente aquilo que se vê. Se, antes, os pintores pintavam significados, agora registram apenas o que está diante de seus olhos. Mesmo movimentos de reação ao “homem preso na caixa”, como o Romantismo, ainda estavam por demais presos às sensações.

Os quadros históricos neoclássicos ou românticos já mostram a perda do significado: muitas vezes, eram grandes reconstruções de uma cena de muitos anos atrás, uma espécie de fotografia ampliada de como o pintor pensava que seria (p. 69).

Quando o mundo é esvaziado de significado e só se tem uma realidade achatada diante dos olhos, não há mais sentido em se preocupar com temas para a pintura. Esse esvaziamento é descrito pelo holandês como o primeiro passo para a arte moderna: “Os temas, no velho sentido da palavra, tornaram-se obsoletos. Na arte que está por vir, eles não tinham função alguma a desempenhar” (p. 72).

Rookmaaker descreve os movimentos de reação, indicando artistas como Fuseli e William Blake, com o seu misticismo, e o escapismo idealista de Klombeck. Afirmar que tais propostas influenciariam, posteriormente, movimentos como o simbolismo e a *art nouveau*.

Comentando a arte cristã, ou de temas bíblicos, desse período – séculos 18 e 19 –, Rookmaaker demonstra que os evangélicos ortodoxos do período avivamentista adotaram postura anti-intelectual e por isso se afastaram do campo artístico. A pintura de temas bíblicos acabou por adotar o espírito da época, registrando os eventos com precisão fotográfica, mas sem indicar significado. É emblemática a pintura comentada de Leys, “Mulheres orando junto ao crucifixo perto de St. James”, na qual o objeto da fé – Cristo – e o significado da

oração das mulheres é retirado do enquadramento e praticamente não aparece na pintura. O argumento do autor holandês é que mesmo a arte que buscou representar temas bíblicos, agora o fazia sob uma perspectiva racionalista que esvaziava o significado das pinturas, ora se tornando mero registro fotográfico (Ciseri, *Ecce Homo*), ora caindo em sentimentalismo barato (Holman Hunt, *A sombra da morte*). Ele ainda destaca que isso influenciou as imagens posteriores adotadas pelos evangélicos, como as ilustrações nas Bíblias e os desenhos feitos para a escola dominical – o resultado disso é uma transformação na maneira de compreender Jesus.

É possível que as falsas ideias que muitas pessoas, cristãs e não cristãs, fazem de Cristo como um homem sentimental e, de certa forma, afeminado, manso, “afetuoso”, que nunca foi realmente deste mundo, sejam consequências da pregação inerente das imagens dadas às crianças ou penduradas na parede? Sua teologia e sua mensagem não são as da Bíblia, mas do liberalismo do século 19 (p. 86).

O problema, para Rookmaaker, é mais amplo. Os cristãos deixaram de apresentar significado nas artes porque a qualidade de seu cristianismo estava em decadência. O holandês demonstra que os cristãos assimilaram um espírito burguês, uma mentalidade de classe média, que confiava em suas conquistas, fugia da realidade dura da vida e de temas difíceis como o pecado, e se escondia em hipocrisia, bem como na busca por certeza e segurança.

O quarto capítulo da obra segue a discussão sobre os passos para a arte moderna (p. 93). O foco, agora, está no segundo passo. Tendo comentado a tendência de pintar apenas o que se vê – plasmada no realismo e no naturalismo –, Rookmaaker demonstra que tal perspectiva atingiu outro nível com a chegada do impressionismo. As pinturas comentadas são de Renoir e Monet. Essa escola lida com as discussões estabelecidas por filósofos acerca da epistemologia: como estabelecer relações de causalidade diante dos fenômenos observados? Como se certificar que há algo além dos sentidos do observador?

Portanto, o que vemos no quadro? As pinceladas de Monet que [sic] registraram o que ele viu? De certo modo, não. Não *o que* ele viu. Contudo, ele registrou o que chegou aos seus olhos, os raios de luz que causaram uma sensação em sua retina. A questão é se há algo por trás deles, uma realidade de coisas que causaram os raios de luz. Pode-se supor que há uma realidade, da mesma forma que se pode arriscar que a faca cairá novamente, mas nunca se sabe ao certo (p. 96).

Esse foi o prenúncio do segundo passo, dado finalmente por Monet. Este pintor, ousadamente, seguiu para a conclusão das dúvidas anteriormente levantadas: não há realidade por trás das sensações; estas são tudo o que existe.

A reação a esta perspectiva veio por parte de Gauguin, que defende a ideia de não copiar a natureza, dependendo das sensações, mas “usar métodos

específicos para dispor linhas e cores a fim de representar sentimentos particulares” (p. 99). Gauguin identifica a tensão entre o realismo e a liberdade, um dilema presente na vida humana entre ser determinado pela natureza ou se determinar em sua liberdade. Gauguin rompe a tensão, caminhando em direção à liberdade autônoma, e com isso nasce o expressionismo.

Junto a Gauguin, o trabalho de Seurat, Van Gogh e Cezanne também é comentado, demonstrando as nuances dos pintores pós-impressionistas: todos lidavam com a tensão entre natureza e liberdade, um dos motivos religiosos básicos descritos por Dooyeweerd. Mas o seu movimento, eventualmente, caminhou em direção à liberdade, tendendo para o abstrato.

No capítulo cinco, “Os últimos passos para a arte moderna” (p. 113), o autor holandês descreve mais detidamente o expressionismo, como escola que buscava demonstrar, por meio de suas pinturas, “emoções subjetivas diante da realidade em vez de uma imitação naturalista” (p. 115). Matisse é o nome destacado como representante do movimento, e Rookmaaker descreve como o senso de humanidade vai se perdendo em sua obra, bem como em grande parte da arte moderna. Pintores alemães, como Kirchner e Heckel, também são comentados, bem como Marc e Kandinsky.<sup>4</sup> Este último chegou à arte abstrata, ou não figurativa.

Segundo a análise de Rookmaaker, este movimento em direção à arte abstrata se dá como reação ao naturalismo aprisionador. O pêndulo agora se move na direção oposta, de afirmação da liberdade do homem, mas com isso se perde, ou se antagoniza, a estrutura da realidade. O abstrato manifesta uma busca pela essência humana, pelos universais, em oposição aos particulares.

A busca por essa essência humana também se dá em escolas como o cubismo, que buscam uma nova concepção de homem, rompendo com “o humanismo antigo da sociedade ocidental” (p. 125). O resultado, comenta o holandês, é a perda do pessoal, uma vez que não há mais Deus pessoal. Picasso é o grande expoente do movimento cubista. A ele coube dar o último passo para a arte moderna.

Picasso reconheceu que a busca de absolutos não havia atingido o seu objetivo. Por causa disso, entregou-se, nos termos de Rookmaaker, ao absurdo, percebendo que este mundo é sem sentido.

Foram quatro as principais reações ao passo dado por Picasso. Mondrian seguiu em busca do absoluto; Delaunay entendeu o cubismo como uma forma de representar o mundo moderno; Derain retornou a um estilo mais tradicional, e Marcel Duchamp aceitou as premissas de Picasso e se entregou ao niilismo e anarquismo. Na entrega ao absurdo podem ser compreendidos movimentos como o dadaísmo e o surrealismo.

<sup>4</sup> Kandinsky era de origem russa, porém obteve nacionalidade alemã e francesa.

Com o último passo dado, uma “nova era” cultural tem início (capítulo 6, p. 143). Rookmaaker descreve a arte moderna como legítima, porém mentirosa. É legítima, pois apresenta a realidade conforme o espírito da época – um período no qual Deus está morto, e com ele se perdeu o pessoal e o sentido. Também é mentirosa, pois tal cosmovisão não é verdadeira.

No ambiente contemporâneo, novos formatos artísticos nasceram, e Rookmaaker dedica tempo a considerar o surrealismo, sob influência de Marc, Paul Klee e Kandinsky. Por trás de tais pinturas, o holandês identifica pessimismo e ansiedade – “um senso de estar perdido” (p. 150), bem como irracionalismo. Ao sustentar a tese das expressões artísticas conectadas com o espírito da época, Rookmaaker identifica o surrealismo com algo mais do que “arte”:

[...] o surrealismo é muito mais do que um novo estilo. Não é uma fórmula fácil, nem mesmo uma teoria bem definida, e, em última análise, nem mesmo um movimento artístico; é um modo de vida e uma direção dada à atividade de uma pessoa, uma atitude de agonia intelectual (p. 155).

Como expressão de uma filosofia mais ampla, o holandês identifica Marx, Nietzsche e Freud, entre outros, como “líderes espirituais” do surrealismo (p. 156). Junto a isso, identifica as conexões com o existencialismo francês. O resultado é uma percepção do real como o “horrrível”. As obras de Picasso são utilizadas para demonstrar o ponto. Picasso sentiu e identificou a agonia do século 20 e, abraçando o niilismo, representou o desespero em sua arte.

O capítulo 7, “A arte moderna e a rebelião do século 20” (p. 171), tem início com a constatação de que a arte moderna venceu a batalha, instituindo o abstrato na pintura como consequência do desespero e irracionalidade. A regra passou a ser acompanhar a tendência, e deixar de lado as outras correntes artísticas, considerando-as obsoletas.

O holandês identifica a vitória da arte moderna com o erro estratégico dos cristãos, que lutaram pequenas batalhas, mas sem perceber o peso da cultura na formação dos corações.

[Os cristãos] frequentemente não entendiam que a arte e a literatura, a filosofia e até a música popular eram os agentes do novo espírito da era e não se incomodavam com isso ou, com otimismo, imaginavam que essas coisas estavam muito distantes para terem influência (p. 174).

No limiar da segunda metade do século 20, a tendência a se firmar era a do expressionismo abstrato, personificado em seu maior nome: Jackson Pollock. No clímax da destruição de temas e significado, Pollock colocava suas telas no chão e simplesmente gotejava tinta sobre elas. O neodadaísmo de Lucio Fontana o levou a rasgar e fazer buracos na tela como parte de sua criação artística. A liberdade não possuía limites.



O cinismo atingiu até as reações ao neodadaísmo. A pop art, com sua irreverência, carregava “uma mistura de humor e raiva, de sorriso e lágrimas, de aceitação condescendente e rejeição irada, de amor e ódio ou de vida e morte” (p. 188). Junto a ela, e provavelmente influenciada pelas filosofias de análise linguística, surgiu a arte óptica.

A busca por autenticidade fez nascer os *happenings*, experiências autênticas e espontâneas que criticavam as exposições de arte pré-fabricadas. Tal espírito de liberdade anarquista também estava presente no movimento hippie, que, eventualmente, fez nascer a art nouveau e o psicodelismo. Rookmaaker dedica tempo a comentar a música desse movimento, falando de jazz, blues e beat. Havia uma mensagem de protesto em tais estilos musicais, que anunciava o fim da cultura ocidental como havia sido conhecida.

Nos capítulos finais, Rookmaaker encoraja os cristãos quanto ao engajamento cultural. O capítulo 8, “Protesto, revolução e a resposta cristã” (p. 203), comenta movimentos artísticos mais recentes, como a arte *hard edge* e os movimentos no cinema e na televisão. Existe uma tensão fundamental, por meio da qual o homem se revolta contra as tendências desumanizadoras do mundo – especialmente expressas na arquitetura –, mas nada tem a oferecer em seu lugar. O chamado urgente, então, é para que os cristãos participem desse processo. Primeiramente, devem conhecer os dilemas de seu tempo. Segundo Rookmaaker, “os cristãos devem passar por um período de estudo, reflexão e reavaliação que consumirá grande parte de nossa energia” (p. 210). Essa etapa fará nascer respostas de rejeição, mas também de aceitação dos elementos positivos da revolta e do protesto contemporâneo. A atenção dos cristãos deve se voltar para a tecnologia, a televisão, e a noção contemporânea de que “o homem é apenas plástico” (p. 213).<sup>5</sup>

A busca pela humanidade tem feito alguns retornarem ao misticismo. O irracionalismo se tornou um refúgio: “[...] em busca de sua humanidade, em sua busca de uma forma de escapar do mundo do cientificismo, da tecnocracia e da sociedade próspera, de tudo o que é racional, torna-se irracional” (p. 215). Nesse contexto também se percebe o existencialismo, o uso de drogas e o retorno das religiões orientais.

O holandês passa, então, a descrever a responsabilidade da igreja no presente estado de coisas. Em parte, a igreja assimilou os princípios do Iluminismo, entregando-se à teologia de homens como Bultmann e Tillich. Em parte, ela assimilou a mentalidade “burguesa”, de classe média, descrita como essencialmente moralista e hipócrita, interessada apenas em paz pessoal e segurança, sem base concreta para suas escolhas. É nesse cenário que se deve

<sup>5</sup> Curiosamente, movimentos inspirados em Michel Foucault e Judith Butler, que trabalham a teoria queer, conhecida como “ideologia de gênero”, utilizam-se do conceito de *plasticidade* como instrumento para a definição do homem autônomo.

entender o protesto dos jovens: na busca por humanidade e significado, nem mesmo entre cristãos puderam encontrar autenticidade.

Para Rookmaaker, os cristãos deveriam ter tomado a frente nos protestos. É responsabilidade da igreja se engajar no mundo e oferecer a resposta verdadeira para o dilema do homem.

O cristianismo tem a resposta – se tão somente houver interesse ou coragem para ouvir – para os problemas de nossa era. Mas por que ele continua em silêncio? Ou por que simplesmente diz às pessoas cada vez mais distantes da linguagem e dos padrões de pensamento bíblicos: “tenham fé, tenham fé”, sem de fato responder às perguntas indiferentes que elas gritam em sua agonia? Jesus salva; na verdade, isso não significa que ele só salva sua alma da destruição deste mundo! A graça salvífica de Jesus nos redime aqui e agora e dá respostas para os problemas de hoje. Ele pode nos redimir, de fato, não só ‘espiritualmente’ no sentido restrito da palavra (p. 235).

A participação da igreja também pode se dar por meio da participação direta no campo das artes. Em “Fé e arte”, Rookmaaker argumenta que “a arte nunca deve ser usada para mostrar a validade do cristianismo” (p. 242). Na verdade, é o cristianismo que legitima as artes, e não o oposto. A arte cristã, portanto, não é uma arte proselitista ou piegas. Os seus temas não são apenas bíblicos, pois “o que é cristão na arte não está no tema, mas no espírito dela, em sua sabedoria e na compreensão da realidade que ela reflete” (p. 242). A arte não deve ser utilitarista, como se precisasse justificar a sua validade por meio de “resultados cristãos”. A arte deve perceber a relação entre ética e estética, verdade e beleza. Deve, também, respeitar as normas artísticas, oferecendo interpretações da realidade com qualidade técnica, com decoro (ou “brio”), com justiça, pureza, amabilidade, excelência e louvor. Para Rookmaaker, “o amor é a grande norma na arte também” (p. 258).

Como parte de uma comunidade, o artista cristão se unirá aos demais irmãos que atuam em um mundo que passa por transformação. A igreja defenderá a liberdade verdadeira e a humanidade, fazendo isso com amor e graça, demonstrando compaixão pelo homem moderno, que “perdeu o rumo, que se tornou escravo, que clama por humanidade, por amor, liberdade e verdade sem encontrá-los” (p. 266).

Como se pode avaliar o livro? O conteúdo da obra é interessante e importante. Não foi sem razão que tal obra recebeu destaque. A riqueza na análise da história da arte, o ensino quanto às maneiras pelas quais se deve observar e compreender uma pintura, e a tese fundamental da relação entre uma expressão artística e uma cosmovisão tornam a obra bastante recomendável.

A tradução é boa, as margens respeitam o espaço adequado para o leitor tomar notas e a obra segue a estrutura do original, com algumas pinturas no corpo do texto, ilustrando diretamente o ponto do autor. Assim como na edição

original, as ilustrações estão em preto e branco, o que dificulta a percepção de alguns pontos. O preço da obra também não é tão popular, mas ainda sai mais barato do que a compra da edição em inglês.

Leitores interessados apenas em história da arte poderão achar a obra superficial. Rookmaaker não entra em detalhes, e nem comenta muitos nomes de cada escola. O uso da história tem o propósito de sustentar o seu argumento. Ele também não gasta muito tempo para discutir como se dá a troca de influências entre o espírito da época e as expressões artísticas – a ele basta indicar que há uma relação.

Alguns leitores podem discordar ou avançar na discussão de sua análise da pós-Reforma e a adoção de um misticismo entre os evangélicos. Esse ponto não é profundamente trabalhado por Rookmaaker.

A obra é recomendada, de maneira geral, para todos os cristãos, pois encoraja a igreja a considerar aspectos de sua participação na cultura. De maneira específica, é recomendada para líderes, por indicar elementos de compreensão da juventude contemporânea que se traduzem não apenas nas artes, mas na atitude mais ampla dos jovens; aos artistas cristãos, por promover princípios de compreensão das artes e de produção artística, e aos interessados em aspectos de filosofia, sociologia e artes.